

O culto de Asclépio - Os templos da Medicina *The Temples of Medicine – Asclepius*

Heidi Gruner

Resumo

A prática da medicina evoluiu ao longo dos séculos; no entanto alguns princípios continuam muito actuais. A autora pretende rever alguns detalhes das práticas médicas nos templos gregos percursos dos Hospitais na Europa.

Palavras chave: Asclepius, Santuário de Cós, Medicina Grega.

Abstract

Medical practice has evolved over the centuries, though some concepts remain quite updated. The author intend to give some details of the medical practice in the temples of Asclepius, percursors of Hospitals in Europe.

Key words: Asclepius, Cós Sanctuary, Greek medicine.

Os Hospitais na Europa têm uma das suas origens nos templos de Asclépio – Asclépieions -, na Grécia do séc. VII a.C., onde os doentes recorriam em peregrinação à Consulta do Deus, na esperança de curar os seus males.

Podem ser considerados três estádios na História da Medicina na Grécia, o primitivo (até 1184 a.C.), o segundo associado à religião (até 500 a.C.) e o terceiro ligado à filosofia (até 320 a.C.).¹

O culto de Asclépio teve início na Tessália e expandiu-se a todos os países habitados por gregos. Foram erigidos templos a Asclépius, na proximidade de nascentes de águas curativas ou no topo de altas montanhas e em outros locais sagrados. Existem mais de 320 santuários, sendo o de Epidauros e o de Cós os mais famosos.

Médicos no sentido de pessoas que tentam curar os males do corpo são quase tão antigos como a humanidade. As práticas mais velhas da medicina são comuns a todos os povos. Os cargos de padre e de homenda-medicina eram atribuídos a uma única pessoa e a magia era invocada em alternativa ao conhecimento. Os sacerdotes ou Asclepiades (designação aplicada a quem se dizia descendente de Asclépio, ou quem se sentia por ele inspirado) que serviam os templos, detinham nesta época o monopólio da ciência médica/religiosa.

Compreende-se que a partir de dada altura estes locais funcionassem também como escolas. Os conhecimentos eram inicialmente transmitidos de pai para filho, sendo apenas mais tarde admitidos estrangeiros.

Há muitos santuários/escolas mas o de Epidauros é de longe o mais célebre. Sabemos por Platão, que a figura máxima da Escola, embora não fosse seu fundador era Hipócrates (nascido em Cós por volta de 460aC, era o 18º descendente de Asclépio da parte paterna e descendente de Hércules pela parte materna).

Em torno dos santuários reuniam-se numerosos curandeiros e videntes, assim como os respectivos aprendizes, que vendiam medicamentos ou executavam intervenções cirúrgicas simples.^{2,3}

Não há dúvida de que nos templos eram realizadas curas maravilhosas. Era ao mesmo tempo uma magia, uma terapêutica e uma religião. A sugestão mental era muito usada, sendo o doente posto a dormir e a sua cura revelada em sonhos, interpretados pelos sacerdotes.

Os doentes eram numerosos e de todas as classes sociais, eram sobretudo por mulheres que consultavam o deus para casos muito diversos, de muito graves a anódinos.

Para prevenir possíveis falhas do deus, antes da admissão, o doente era submetido a exames rigorosos preliminares e se, se revelasse demasiado doente não era admitido no templo. Também não era permitido às grávidas nem aos doentes terminais entrarem nos santuários.

Se a cura não era efectuada, a fé do doente era impugnada e não o poder do deus ou as habilidades dos Asclepiades, de modo que nem a religião nem a prática médica eram expostas ao descrédito. Nenhum dos doentes tratados morreu no templo, porque ao primeiro sinal de morte iminente o doente era abandonado nos bosques próximos.³

O culto exigia ritos especiais, sendo necessário apresentar-se puro diante da divindade. Oferendas e sacrifícios de animais ao deus eram obrigatórias, so-

Serviço de Medicina 2 do Hospital de Curry Cabral, Lisboa

Recebido para publicação a 16.01.07

Aceite para publicação a 09.01.10



Santuário de Cós, (imagem 1997.03.0156 do SHOT - site of the Classics Department at Holy Cross Faculty).

bretudo para os clientes mais ricos. As serpentes, não venenosas, adoradas como uma encarnação do deus, eram mantidas nos templos perto do altar, tendo uma total liberdade e sendo alimentadas pelos peregrinos com bolos sacrificiais.

A purificação do corpo consistia em banhos nas águas sagradas, e unções, ingestão de alimentos puros bem como abstinência de certos alimentos e bebidas nomeadamente o vinho.

Seguia-se a leitura de tábuas de mármore, afixadas nas paredes do templo que relatavam o nome dos doentes, as doenças e as curas maravilhosas de Asclépio:

“Ambrósia de Atenas, cega de um olho, veio pedir a ajuda do deus mas no templo troca das suas curas miraculosas. Também a ela aparece Asclépio, prometendo a sua cura mas exigindo a doação de um porco de prata que simbolizasse a sua tolice. Asclépio então corta e embalsama o olho e Ambrósia parte de manhã já curada.”

“Um homem com um abscesso abdominal, sonha com a sua cura. Parecia-lhe que o deus ordenava aos seus servos que o atassem e o segurassem. Tentou fugir mas não conseguiu, então cortaram-no e cozeram-no, sendo de seguida libertado, após o que voltou para casa curado...O chão do templo encontrava-se coberto de sangue.”^{1,2,4}

Quando os doentes entravam deste modo na atmosfera religioso-mística, seguia-se a actuação divina mais importante, a incubação (uma vez que eram atraídos aos templos não só para receberem os serviços dos sacerdotes/médicos mas também na crença do virtuosismo associado a estes edifícios e tentavam por isso aproximar-se o mais possível do altar).

Os peregrinos eram introduzidos no dormitório

sagrado, (sendo que levavam as suas próprias provisões e coberturas porque a administração do templo apenas disponibilizava camas de folhas) onde lhes era permitido dormirem uma noite na pele de um animal sacrificado. Sob o leito era colocada uma estátua do deus.

Sonhavam, provavelmente drogados e sob a influência das experiências relatadas, concentrados na cura miraculosa. A expectativa e o estado debilitado, o ar puro e temperado, o ambiente propício, a dieta própria, os banhos, os exercícios, as massagens, o uso de águas minerais, os purgativos e os sedativos, a sugestão mental e a hipnose estimulavam a “cura”.

Durante “os sonhos” Asclépio, ou mais provavelmente os sacerdotes, curavam alguns doentes. Na manhã seguinte os sacerdotes interpretavam as receitas do deus que incluíam ar puro ambiente animado, hábitos temperados, exercício, massagens, banhos no mar, uso de águas minerais, purgativos, eméticos, e sedativos. Os doentes agradeciam a Asclépio, atirando ouro para a fonte sagrada.^{1,6,7}

Os serviços prestados não eram gratuitos e variavam de acordo com as possibilidades dos doentes, o deus era implacável para com os maus pagadores.

Grande era a sabedoria dos gregos - prevalecia um espírito de emulação tendo-se obtido um alto nível ético, como mostra o juramento de Hipócrates, ainda utilizado actualmente. Continuamos também a observar os doentes de todas as classes sociais nos Hospitais, com predomínio dos doentes do sexo feminino nas Consultas. O poder da sugestão mental ainda é muito utilizado e continuamos a realizar curas maravilhosas e a prescrever medidas dietético higiénicas. ■

Agradecimentos

Wolfgang Gruner, Consultor de Medicina Interna do Hospital Garcia de Orta.

Bibliografia

1. James Sands Elliot. *Outlines of Greek and Roman Medicine* 1914: 2-55.
2. Paul Diepgan. *Geschichte der Medizin*. Goetschen 1914; (Vol I – Altertum): 44-73.
3. Bullough. *The development of Medicine as a profession*. Basel, S Karger 1966: 1-25.
4. Robert Laffart. *Histoire du development culturel et scientifique de l’humanité*. UNESCO 1969; I: 229-261.
5. J Bouillet. *Precis d’Histoire de la Medecine* 1883: 44-73.
6. MacNair Wilson. *História da Medicina*. 1943: 16-45.
7. Theophile de Bordeu. *Recherches sur l’Histoire de la Médecine* 1882: 85-106.